



# Poemas

7º ano

Biblioteca Escolar  
Agrupamento de Escolas nº 2 de Beja

## A concha

A minha casa é concha. Como os bichos  
Segreguei-a de mim com paciência:  
Fachada de marés, a sonho e lixos,  
O horto e os muros só areia e ausência.

Minha casa sou eu e os meus caprichos.  
O orgulho carregado de inocência  
Se às vezes dá uma varanda, vence-a  
O sal que os santos esborroou nos nichos.

E telhados de vidro, e escadarias  
Frágeis, cobertas de hera, oh bronze falso!  
Lareira aberta ao vento, as salas frias.

A minha casa... Mas é outra a história:  
Sou eu ao vento e à chuva, aqui descalço,  
Sentado numa pedra de memória.

NEMÉSIO, Vitorino, *Bicho Harmonioso* (1938)

## Ser Poeta

Ser Poeta é ser mais alto, é ser maior  
Do que os homens! Morder como quem beija!  
É ser mendigo e dar como quem seja  
Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!

É ter de mil desejos o esplendor  
E não saber sequer que se deseja!  
É ter cá dentro um astro que flameja,  
É ter garras e asas de condor!

É ter fome, é ter sede de Infinito!  
Por elmo, as manhãs de oiro e de cetim...  
É condensar o mundo num só grito!

E é amar-te, assim, perdidamente...  
É seres alma e sangue e vida em mim  
E dizê-lo cantando a toda gente!

Florbela Espanca, *Charneca em Flor*

## ☺Auto-Retrato

O'Neill (Alexandre), moreno português,  
cabelo asa de corvo; da angústia da cara,  
nariguete que sobrepuja de través  
a ferida desdenhosa e não cicatrizada.  
Se a visagem de tal sujeito é o que vês  
(omita-se o olho triste e a testa iluminada)  
o retrato moral também tem os seus quês  
(aqui, uma pequena frase censurada...)  
No amor? No amor crê (ou não fosse ele O'Neill!)  
e tem a veleidade de o saber fazer  
(pois amor não há feito) das maneiras mil  
que são a semovente estátua do prazer.  
    Mas sofre de ternura, bebe de mais e ri-se  
    do que neste soneto sobre si mesmo disse...

Alexandre O'Neill, in *Poemas com Endereço*

Amar!

Eu quero amar, amar perdidamente!

Amar só por amar: Aqui... além...

Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...

Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!...

Prender ou desprender? É mal? É bem?

Quem disser que se pode amar alguém

Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma Primavera em cada vida:

É preciso cantá-la assim florida,

Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar!

E se um dia hei-de ser pó, cinza e nada

Que seja a minha noite uma alvorada,

Que me saiba perder... pra me encontrar...

Florbela Espanca, *Charneca em Flor*

## GAIVOTA

Se uma gaivota viesse  
trazer-me o céu de Lisboa  
no desenho que fizesse,  
nesse céu onde o olhar  
é uma asa que não voa,  
esmorece e cai no mar.

Que perfeito coração  
no meu peito bateria,  
meu amor na tua mão,  
nessa mão onde cabia  
perfeito o meu coração.

Se um português marinheiro,  
dos sete mares andarilho,  
fosse quem sabe o primeiro  
a contar-me o que inventasse,  
se um olhar de novo brilho  
no meu olhar se enlaçasse.

Que perfeito coração  
no meu peito bateria,  
meu amor na tua mão,  
nessa mão onde cabia  
perfeito o meu coração.

Se ao dizer adeus à vida  
as aves todas do céu,  
me dessem na despedida  
o teu olhar derradeiro,  
esse olhar que era só teu,  
amor que foste o primeiro.

Que perfeito coração  
no meu peito morreria,  
meu amor na tua mão,  
nessa mão onde perfeito  
bateu o meu coração.

*Alexandre O'Neill*

Não posso adiar o amor para outro século  
não posso  
ainda que o grito sufoque na garganta  
ainda que o ódio estale e crepite e arda  
sob montanhas cinzentas  
e montanhas cinzentas

Não posso adiar este abraço  
que é uma arma de dois gumes  
amor e ódio

Não posso adiar  
ainda que a noite pese séculos sobre as costas  
e a aurora indecisa demore  
não posso adiar para outro século a minha vida  
nem o meu amor  
nem o meu grito de libertação

Não posso adiar o coração

*António Ramos Rosa, Viagem Através duma Nebulosa*

## 🗨️ Urgentemente

É urgente o amor  
É urgente um barco no mar

É urgente destruir certas palavras,  
ódio, solidão e crueldade,  
alguns lamentos, muitas espadas.

É urgente inventar alegria,  
multiplicar os beijos, as searas,  
é urgente descobrir rosas e rios  
e manhãs claras.

Cai o silêncio nos ombros e a luz  
impura, até doer.  
É urgente o amor, é urgente  
permanecer.

Eugénio de Andrade

## 🗨️ As palavras

São como um cristal,  
as palavras.

Algumas, um punhal,  
um incêndio.

Outras,  
orvalho apenas.

Secretas vêm, cheias de memória.  
Inseguras navegam:  
barcos ou beijos,  
as águas estremecem.

Desamparadas, inocentes,  
leves.

Tecidas são de luz  
e são a noite.

E mesmo pálidas  
verdes paraísos lembram ainda.

Quem as escuta? Quem  
as recolhe, assim,  
cruéis, desfeitas,  
nas suas conchas puras?

Eugénio de Andrade, In *Coração do Dia*

## Capital

Casas, carros, casas, casos.

Capital

encarcerada.

Colos, calos, cuspo, caspa.

Cautos, castas. Calvos, cabras.

Casos, casos... Carros, casas...

Capital

acumulado.

E capuzes. E capotas.

E que pêsames! Que passos!

Em que pensas? Como passas?

Capitães. E capatazes.

E cartazes. Que patadas!

E que chaves! Cofres, caixas...

Capital

acautelado.

Cascos, coxas, queixos, cornos.

Os capazes. Os capados.

Corpos. Corvos. Copos, copos.

Capital,

oh! capital,

capital

decapitada!”

*In Obra Poética*

## O papagaio de papel

Deixem-no lá, deixem-no lá, o papagaio!  
Deixem-no lá, bem preso à terra,  
vibrando!

Aos arranques,  
a fazer tremer a terra,  
a querer voar  
pelo ar  
até pertinho do Céu...

Deixem-no lá, deixem-no lá, o papagaio!  
Deixem-no lá viver a sua inquietação  
e ser verdade aquela ânsia  
de fugir.

Não lhe cortem o cordel!  
Poupem o papagaio à dor enorme  
de cair,  
papel inútil, roto, pelo chão.

Não lhe ensinem,  
ao pobre papagaio de papel,  
que a sua inquietação  
é a única força que ele tem.

Deixem-no lá,  
naquela ânsia de fuga,  
no sonho (a que uma navalha  
pode dar o triste fim)  
de fazer ninho no Céu:  
Sempre anda longe da terra, assim,  
o comprimento do cordel...

Deixem-no lá, deixem-no lá,  
o papagaio de papel!...

## Pedra Filosofal

Eles não sabem que o sonho  
é uma constante da vida  
tão concreta e definida  
como outra coisa qualquer,  
como esta pedra cinzenta  
em que me sento e descanso,  
como este ribeiro manso,  
em serenos sobressaltos,  
como estes pinheiros altos,  
que em oiro se agitam,  
como estas aves que gritam  
em bebedeiras de azul.

Eles não sabem que o sonho  
é vinho, é espuma, é fermento,  
bichinho alacre e sedento,  
de focinho pontiagudo,  
que foça através de tudo  
num perpétuo movimento.

Eles não sabem que o sonho  
é tela, é cor, é pincel,  
base, fuste, capitel,  
arco em ogiva, vitral,  
pináculo de catedral,  
contraponto, sinfonia,  
máscara grega, magia,  
que é retorta de alquimista,  
mapa do mundo distante,  
rosa dos ventos, Infante,  
caravela quinhentista,  
que é cabo da Boa Esperança,  
ouro, canela, marfim,  
florete de espadachim,  
bastidor, paço de dança,  
Colombina e Arlequim,  
passarola voadora,  
pára-raios, locomotiva,  
barco de proa festiva,  
alto-forno, geradora,  
cisão de átomo, radar,  
ultra-som, televisão,  
desembarque em foguetão  
na superfície lunar.

Eles não sabem, nem sonham,  
que o sonho comanda a vida.  
Que sempre que o homem sonha  
o mundo pula e avança  
como bola colorida  
entre as mãos de uma criança.

António Gedeão

Pelo sonho é que vamos,  
comovidos e mudos.  
Chegamos? Não chegamos?  
Haja ou não haja frutos,  
pelo sonho é que vamos.

Basta a fé no que temos.  
Basta a esperança naquilo  
que talvez não teremos.  
Basta que a alma demos,  
com a mesma alegria,  
ao que desconhecemos  
e ao que é do dia a dia.

Chegamos? Não chegamos?  
– Partimos. Vamos. Somos.

Sebastião da Gama, *Pelo sonho é que vamos*